

Melhores condições para os trabalhadores

Dani Rodrik

Valor, 13.12.2021

A atual narrativa se concentra muito pouco em como a inovação deveria se adaptar às qualificações da força de trabalho

As quatro últimas décadas de globalização e inovação tecnológica foram uma bênção para os dotados de qualificações, patrimônio e relações influentes se beneficiarem dos novos mercados e oportunidades. Mas os trabalhadores comuns tiveram menos motivos para festejar.

Nas economias avançadas as rendas das pessoas com menor grau de instrução muitas vezes estagnaram, apesar do crescimento da produtividade geral do trabalho. Desde 1979, a remuneração dos que trabalham na produção nos Estados Unidos subiu menos que 33% se comparada à taxa de crescimento da produtividade. A instabilidade e a desigualdade no mercado de trabalho aumentaram com o fechamento das fábricas e a migração dos postos de trabalho para outro lugar.

Nos países em desenvolvimento, onde a teoria econômica padrão previa que os trabalhadores seriam os principais beneficiários da divisão mundial do trabalho em expansão, as grandes empresas e o capital foram os que colheram os maiores ganhos. Em livro a ser lançado em breve, Adam Dean, da Universidade George Washington, mostra que, mesmo onde governos democráticos prevaleceram, a liberalização do comércio avançou junto com a repressão dos direitos dos trabalhadores.

Os danos ao mercado de trabalho criam tensões sociais e políticas. Em seu livro seminal “When Work Disappears”, de 1996, o sociólogo William Julius Wilson descreveu a maneira pela qual a queda dos empregos dos operários industriais alimentou o aumento da desagregação familiar, o abuso de drogas e a criminalidade. Mais recentemente, os economistas Anne Case e Angus Deaton documentaram a elevação do número de “mortes por desespero” entre homens americanos de menor nível de instrução. E uma crescente literatura empírica interligou a ascensão do populismo autoritário, de direita, nas economias avançadas à extinção de bons empregos para trabalhadores comuns.

Em decorrência da pandemia mundial de covid-19, os problemas trabalhistas estão recebendo nova atenção - e com justeza. Mas como os trabalhadores poderão obter sua parcela justa [da riqueza] e ter acesso a postos de trabalho bons?

Um dos enfoques possíveis é contar com a inteligência das grandes corporações na defesa de seus próprios interesses. Trabalhadores satisfeitos, realizados, são mais produtivos, menos inclinados a sair da empresa. Zeynep Ton, do Massachusetts Institute of Technology (MIT), mostrou que estabelecimentos de varejo conseguem reduzir os custos e aumentar os lucros por meio do pagamento de bons salários, do investimento em seus trabalhadores.

Mas muitas empresas que dizem adotar os mais elevados preceitos éticos nos padrões trabalhistas são também veementemente antissindicalistas; adotam também os preceitos éticos mais rasteiros ao reduzir o salário dos trabalhadores e dizem que essa medida é, muito frequentemente, uma estratégia corporativa lucrativa. Historicamente foi o poder

de reação dos trabalhadores - por meio da ação coletiva e da organização sindical --que lhes proporcionou os ganhos mais significativos.

Em vista disso, uma segunda estratégia para ajudar os trabalhadores consiste em aumentar seu poder organizativo ante os empregadores. O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden argumentou que o encolhimento da classe média americana é consequência da queda do poder sindical, e prometeu fortalecer a organização dos trabalhadores e a negociação coletiva.

Em países como os EUA, em que os sindicatos se enfraqueceram significativamente, essa estratégia é indispensável para reparar desequilíbrios do poder de barganha. Mas as experiências de muitos países europeus, onde a organização dos trabalhadores e a negociação coletiva permanecem fortes, sugere que ela pode não ser a solução completa.

O problema é que direitos trabalhistas fortes podem criar também mercados de trabalho duais, onde os benefícios vão para os “do ramo”, enquanto muitos trabalhadores menos experientes têm dificuldades de encontrar emprego.

Uma terceira estratégia, que visa reduzir o desemprego, é garantir demanda apropriada de mão de obra por meio de políticas macroeconômicas expansivas. Quando a política fiscal mantém elevada a demanda agregada, os empregadores é que saem à cata de trabalhadores e o desemprego pode permanecer baixo. Pesquisa de Larry Mishel e Josh Bivens, do Economic Policy Institute, mostra que a austeridade macroeconômica é um dos principais motivos pelos quais os salários americanos crescem menos que a produtividade desde a década de 1980.

Em contraposição, a reação fiscal agressiva do governo Biden à crise da covid-19 garantiu aumento aos salários em meio a uma queda acentuada do desemprego. Mas, embora mercados de trabalho apertados possam ajudar os trabalhadores, podem representar também risco de inflação.

Uma quarta estratégia, diante disso, é mudar a estrutura da demanda na economia a fim de beneficiar trabalhadores de menor nível de instrução e regiões deprimidas em especial. A escassez de empregos estáveis, de classe média, é estreitamente ligada ao desaparecimento do trabalho industrial de mão de obra operária, das vendas do setor de serviços e dos trabalhos de escritório.

Rever isso implica reavaliar os atuais programas de desenvolvimento industriais e comerciais de modo a que os incentivos possam ser encaminhados às empresas que mais tendem a gerar bons empregos nos lugares certos e que sejam criados tendo em vista as necessidades dessas empresas. As políticas industriais convencionais voltadas para a produção industrial intensiva em utilização de mão de obra qualificada e em capital e que depende grandemente de benefícios fiscais, não terão muito efeito em estimular a expansão de bons empregos para os que deles mais precisam.

Além disso, temos de avaliar explicitamente de que maneira as novas tecnologias ajudam ou prejudicam os trabalhadores e repensar as políticas nacionais de inovação.

Como destacaram economistas como Daron Acemoglu, Joseph Stiglitz e Anton Korinek, a direção a ser tomada pela mudança tecnológica é flexível e depende de incentivos sobre os preços, dos impostos e das normas dominantes entre empreendimentos inovadores. As políticas governamentais podem ajudar a guiar as tecnologias de automação e de inteligência artificial por um caminho mais benéfico aos trabalhadores, que complemente suas qualificações, em vez de substituí-los. Minha

colega em Harvard, Stefanie Stantcheva, e eu discutimos algumas ideias preliminares em relatórios que preparamos para o presidente da França, Emmanuel Macron.

Em última instância, aumentar os ganhos e a dignidade do trabalho exige tanto fortalecer o poder de barganha dos trabalhadores quanto aumentar a oferta de bons empregos. Isso beneficiaria todos os trabalhadores e lhes proporcionaria uma participação justa na prosperidade futura. **(Tradução de Rachel Warszawski)**